



A questão de gênero na revista *Ciência Hoje das Crianças* – A identidade do sujeito na sessão *Quando crescer, vou ser...*¹

Fabiana Micaele Da, Silva²
Cosme Batista, Santos³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

A revista *Ciência Hoje das Crianças* é um periódico educo-pedagógico vinculada ao Instituto *Ciência Hoje* e distribuído gratuitamente pelo ministério da educação para as escolas nacionais do ensino básico. E é trabalhando com a análise discurso, com destaque para nomes como Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau e Martine Joly, que o seguinte artigo pretende analisar os marcadores textuais, icônicos e simbólicos que denotam a questão de identidade de gênero na sessão *Quando crescer, vou ser...* Sendo assim, ao longo da análise serão destacados os principais elementos que constroem, reafirmam e moldam esses discursos presente na revista.

Palavras-chave

Mídia, Análise do Discurso, Identidade de Gênero, Marcadores.

1. Análise do Discurso

Sendo, as Ciências Humanas as responsáveis pela construção de um modelo multidimensional de compreensão da nossa realidade, fica a cargo delas a apreensão dos diferentes signos e a atribuição dos significados cotidianos. Afinal, o que elas pretendem é realizar uma análise dos discursos que seja capaz de contemplar, de modo integrado, as múltiplas dimensões envolvidas no ato de informar. Mas o que viriam a ser estes discursos aos quais se pretende analisar?

Discurso é “a palavra em movimento” (ORLANDI, 2001, p. 15), Manhães (2005, p. 305) vai além dos demais ao estabelecer sua conceituação pessoal, quando aponta para a

¹ Trabalho apresentado na divisão temática IJ1, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco e em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UNEB, email: fabianamicaele.silva@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Dr. Em linguística Aplicada pela Universidade de Campinas Professor do Curso de Jornalismo da UNEB, email: cosmebs.santos@gmail.com



noção de discurso, como sendo uma espécie de apropriação da linguagem por parte do sujeito. Sobre o estudo do discurso como um campo do conhecimento da linguística e da comunicação cabe destacar a existência de diferentes vertentes de pesquisa de A.D.; uma delas é a vertente inglesa que em suas análises prende-se ao sujeito que faz a narrativa, apontando-o como um prisioneiro da linguagem, ou seja, afirma que para o emissor expressar-se ele é acima de tudo assujeitado a fazer uso de certas regras e mecanismos e relacionar-se com falas previamente determinadas (MANHÃES, 2005).

Para os analistas de discurso ingleses, o trabalho a ser realizado consiste na identificação do sujeito que conduz as narrativas e para tanto, eles estabeleceram instancias de construção do discurso, de onde poderiam discorrer sobre o domínio de expressão dos emissores discursivos. As instancias de análise inglesa seriam a conversacional, que consiste em constatar se a mensagem está inteligível de modo que haja uma eficaz comunicação do sujeito emissor, e para isso ela busca identificar os pressupostos e os implícitos da mensagem.

A segunda instancia é a indexical, que se detêm sobre os indicadores, de maneira com a qual se busca identificar as marcas do discurso; como as de pessoa, de tempo e de espaço. E enfim, se tem a instancia acional referente a analise dos atos de fala presentes no texto discursivo; essas ações seriam basicamente atos locutórios, estruturas lógicas que articulam as locuções; atos ilocutórios que determinam o domínio de fala articulado ao contexto de emissão da mensagem; e os perlocutórios referentes ao domínio de fala articulado ao desempenho e as representações de papéis sociais pelos sujeitos.

Uma segunda vertente da análise do discurso seria a francesa que diferentemente da inglesa, tem uma amplitude contextual, e não se restringe a uma única proposta teórica de analise, pois diferentes linguistas constroem seus modelos e estabelecem seus campos específicos de estudo bem como Dominique Maingueneau, estudioso francês que corrobora para o desenvolvimento da pesquisa em análise do discurso em seu país.

A sua proposta estabelece discurso como um sistema de produção de um conjunto de textos, e também como o próprio conjunto dos textos (MAINGUENEAU, 2001). Compreende-se então, a constante ligação da proposta dele com a sua formação acadêmica em linguista e semiótica, mesmo quando se descreve os principais conceitos com os quais trabalha, por exemplo, enunciado, texto e gênero.



Para Maingueneau (2001), enunciadas são frases inscritas em contextos particulares, unidades ou marcas verbais do acontecimento que é a enunciação; e como um todo, eles compõem textos que por sua vez produzem discursos variados. Discursos que por sua vez contribuem para definir o contexto do enunciado, podendo modificá-lo no curso da enunciação. Enfim se nota como a sua proposta debruça-se exclusivamente no âmbito semiológico da análise.

1.1. A. D. Midiática – Patrick Charaudeau;

Dentre alguns outros nomes de linguistas contemporâneos franceses que se debruçaram sobre a tarefa de estudar os discursos midiáticos, e construíram suas propostas teóricas individuais de análise se encontra Patrick Charaudeau; estudioso que pesquisa os objetivos motivadores dos sujeitos na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente. Ainda, de acordo com ele a análise do discurso, pode ser definida como um meio de entender o texto através do contexto, identificando por meio de discursos inscritos, as ideologias que operam no tempo/espaço da construção textual.

Logo, de início percebe-se como a proposta de Charaudeau (2008), vai bem além dos demais modelos de análise, pois quando se pesquisa o lugar das condições de produção, ele vai além do âmbito linguístico de análise, sendo um pioneiro a instituir também a pesquisa no âmbito situacional, ou seja, integrando as características internas do discurso com a realidade social de produção dos textos, ele estabelece que o discurso seja uma construção individual e social que se detém em planos micro e macro sociais.

Outro postulado dele referem-se à dimensão de interação social, que afirma que todo discurso se constrói no encontro das identidades do emissor(es) e do receptor(es), afinal o discurso é uma construção conjunta dos projetos de fala de quem emite-o com os conhecimentos prévios de quem recebe a mensagem do discurso; portanto esse mesmo discurso de informação permite o estabelecimento de vínculos entre esses dois personagens do ato de construção discursiva. E ainda sobre a proposta de Charaudeau (2008) cabe rever o modo particular como ele concebe a intencionalidade dos sujeitos envolvidos nos atos de linguagem, afinal o autor de um texto tem um projeto de fala,

que representam os objetivos mais ou menos claros que motiva os sujeitos na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente.

1.2. Os procedimentos analíticos da imagem de Joly;

Às vezes, uma imagem diz mais que muitas palavras. Esse é um provérbio da cultura ocidental reconhecido popularmente como verdadeiro, portanto, é importante destacar que “[...] a imagem seria um objeto segundo com a relação a um outro que ela representaria de acordo com certas leis particulares” (JOLY, 1996, p. 14).

Para Joly (1996), as imagens devem ser consideradas como sistemas de signos, e sendo, os signos constituintes do ato de comunicação, a imagem é em consequência passível da aplicação de procedimentos analíticos que revelem o discurso inerente nelas. Por isso, é que aplicando a metodologia empregada de Joly (1996), para a realização das análises discursivas verifica-se que a imagem serve para a compreensão dos elementos gráficos que correspondem a agentes participantes do contrato comunicacional sugerido por Charaudeau (2008).

[...] a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência ou sua presença significam; revitalizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar. (JOLY, 1996, p. 48).

Nas análises sobre os elementos gráficos, os métodos de Joly (1996) destacam que as imagens compreendem uma subcategoria dos signos icônicos que são aqueles que significam algo além deles mesmo. Nesse sentido, ela considera que a imagem é na realidade uma mensagem visual, e que a identificação do destinatário é de suma importância para compreender a sua função; afinal, a imagem pode com certeza ser



impregnada de noções imaginativas do seu locutor, mas o destinatário por conseguinte também a preencherá de significações individuais.

2. A representação de identidade

Na análise do discurso deve-se considerar a capacidade de representatividade dos interlocutores da mensagem, e ainda sobre as questões de representação social de identidade é necessário avaliar as noções de consciência e de imaginário que norteiam toda e qualquer forma de cognição mental. De acordo, com Arruda (2002, p. 134), as representações sociais de identidades seriam.

[...] uma forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização de tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê. A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel.

O objeto, ou seja, a imagem carece de significações de seus interlocutores para que realmente represente algo, pois o sujeito junto com seu repertório de representatividade e de atores sociais é quem irá estabelecer a representação da realidade e/ou identidade que designará para determinados signos.

O sujeito amplia sua categorização e o objeto se acomoda ao repertório do sujeito, repertório o qual, por sua vez, também se modifica ao receber mais um habitante. A representação portanto, repito, não é cópia da realidade, nem uma instância intermediária que transporta o objeto para perto/dentro do nosso espaço cognitivo. Ela é um processo que torna conceito e percepção intercambiáveis, uma vez



que se engendram mutuamente, como no caso do inconsciente agitado ou do complexo visível a olho nu. (ARRUDA, 2002, p. 136).

A imagem chama mais a atenção do olhar humano, do que qualquer outra coisa, e logo que se visualiza determinada imagem, o ser humano é compelido durante a organização mental a relaciona-la com outras pré-existentes no seu consciente imaginário de representações indenitárias e sociais. Segundo Arruda (2002), a comunicação pode, então, ser considerada como o berço das representações; isso indica, portanto, que entrelaçando os conceitos de contrato comunicacional de Charaudeau (2008), com o de representações sociais, compreende-se que o sujeito criativo não é um papel em branco, bem como, o fato de que a divisória entre esse sujeito e a sua realidade não é um corte perfeito, e sim adaptável.

De acordo com Jodelet (2002 *apud* Arruda, 2002), as representações sociais devem ser compreendidas também como formas de conhecimento que são socialmente construídos e compartilhados, logo, elas contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Portanto, infere-se que,

As identidades culturais são constituídas a partir das diferentes formas como grupos sociais se reconhecem entre si. Ou seja, as identidades culturais não são dadas *a priori*, não são preexistentes aos sujeitos, elas se constituem no processo de representação de um grupo, sempre em relação a outros grupos, que carregam características diferentes daquele que está sendo representado. A questão das identidades emerge em meio a processos de desigualdade, produzidos a partir de diferenças. Emerge quando grupos sociais não se reconhecem como iguais. (SABAT, 2001, p. 15).

Sendo assim, conclui-se que o sujeito não inventa coisas em seu discurso, pois as suas representações, estão sempre relacionados com o conhecimento que circula na sociedade; as imagens trazem sempre signos, significantes e significados que são familiares a ele.

3. Os marcadores identitários de gênero



Pode-se afirmar que o projeto editorial é o conjunto de informações que definem como se estabelecerá o conteúdo de uma publicação; de acordo com Ali (2009), durante a elaboração da missão editorial de uma revista duas coisas devem ficar claras. A primeira é quais são os objetivos e/ou funções, que segundo Traquina (...) é de informar, interpretar, entreter, defender uma ideia, causa ou posição; ou prestar um serviço; e na realidade todas as revistas em circulação veem-se obrigadas a cumprir através de uma combinação de uma ou mais dessas cinco funções.

A segunda é que o público leitor a que se destina é referendado por dados como idade, sexo, gênero, classe social, opiniões, hábitos, preferências, necessidades e quaisquer outras informações coletadas que possam ser relevantes para a delimitação do nicho de mercado; e que constroem uma espécie de protótipo de leitor-alvo que se encaixa nesses dados pré-estabelecidos.

Para Joly (1996), a imagem e texto constituem uma unidade narrativa, que objetiva uma leitura completo por parte dos interlocutores da mensagem; compreendendo tal pressuposto pode-se inferir que alguns signos presentes na sessão de reportagem Quando crescer, vou ser... das diferentes edições analisadas reforçam o pressuposto da força na leitura de como o gênero está representado pelo periódico. Bem como, verifica-se que a imagem das crianças não só direciona seu público-alvo, como também tem um grande apelo afetivo e incorpora a ideia de tempo futuro da criança receptora do discurso.

Pode-se destacar que na revista Ciência Hoje das Crianças existem espécies de identidade configuradas, e nessas identidades analisa-se a construção de um discurso de gênero, pois na sessão de reportagem Quando crescer, vou ser... das 12 edições analisadas existe apenas uma representação feminina, e ela sequer representa a profissão, pois surge como uma mera observadora. Para Sabat (2001, p. 17), as “[...] identidades sexuais carregam marcas de diferentes práticas sociais e culturais que são construídas através dos discursos produzidos na sociedade, pelos processos de representação”.



A identidade dos sujeitos interlocutores do dispositivo, *Ciência Hoje das Crianças*, bem como a questão das representações de gênero se revelam, assim, através dos elementos gráficos e textuais que compõe a construção discursiva dos enunciadores, bem como o projeto de fala e a situação de troca entre receptores e emissores.

3.1. Elementos Textuais

O texto das reportagens são os principais denunciadores do contrato comunicacional, quando eles se inscrevem no papel de modo coloquial e fazendo uso de gírias, neologismos e expressões particulares do público jovem. Outro fator denunciante, agora da instancia midiática emissora do discurso é a presença de fontes e personagens na construção discursiva, bem como a humanização dos projetos de fala dos co-enunciadores da mensagem, que revelam a caracterização do discurso como sendo jornalístico de gênero reportagem.

Ainda, sobre a representação de gênero se nota como nos textos elas não são tão poderosas quanto nas imagens, mas mesmo assim, deve se questionar o porquê o enunciado ser notoriamente inscrito sobre o gênero masculino. Pois, nos títulos das 12 reportagens analisadas verifica-se apenas a inscrição das profissões sobre o gênero masculino, por exemplo, Quando crescer, vou ser... Neuropsicólogo.

3.2. Elementos Gráficos

Os elementos gráficos manifestam o contrato comunicacional e a troca entre os sujeitos do discurso são os signos icônicos, representados pelas ilustrações, fontes e cores. O sujeito-alvo intelectual reconhecido nas reportagens da *Ciência Hoje das Crianças* em análise, denota que eles “[...] não consome informação apenas para agir, mas também e principalmente para poder ocupar certa posição social [...]”, (CHARAUDEAU, 2008, p.80); e essa posição de contraponto entre conhecimento e status social encaixa-se bem ao ambiente escolar.

A imagem figurativa e fácil é o principal veículo de transmissão de mensagens, as quais são captadas rapidamente, sintetizadas sem dificuldade e logo substituídas por novas. São os elementos gráficos que mais sintetizam o discurso de gênero nas 12 edições analisadas da revista *Ciência Hoje das Crianças*; na sessão *Quando crescer, vou ser...*



são apresentadas doze profissões diversas, que vão desde carcinólogo, que é o pesquisador que se dedica ao estudo dos crustáceos, até o radialista, profissional da comunicação nos rádios.

Entretanto, o interessante e revelador do discurso de gênero é o fato de nessas 12 edições da sessão de reportagens, a figura feminina é representada pelas imagens apenas duas vezes, mas em ambas as representações ela se caracteriza apenas como observadora do homem/menino que é o real sujeito discursivo. Na edição de Junho de 2012, por exemplo, a representação da menina surge como uma observadora do menino que é quem atua naquela profissão; e a segunda edição onde a menina é representada é a de Novembro de 2012, que apresenta a profissão de médico oncologista que é retratado como um homem, a mulher fica com a representação de ser apenas uma paciente.

Por fim, um dado válido na análise surge com a análise da edição de número 242, de Fevereiro de 2013, onde na sessão Quando crescer, vou ser... retrata-se a profissão de radialista. No conteúdo de elementos imagéticos surgem quatro sujeitos representados, e que compõe o corpo de funcionários das empresas de rádio; porém, o relevante para a pesquisa foi notar como todas as figuras da reportagem são representações de gênero como o sujeito masculino. A figura feminina que é maioria dentro do campo da comunicação, não é sequer representada, e essa que é conhecidamente uma profissão maciçamente feminina, é descrita involuntariamente para os leitores como uma profissão masculinizada, e a mulher é simplesmente ignorada.

4. Comentários Finais

Analisar textos jornalísticos pelo viés discursivo de análise exige reflexão e cuidado, pois é necessário estar atentos às amarras produzidas pela disseminação de valores particulares e ao contrato que os enunciadores do discurso estabelecem entre si. Dessa forma, avaliar o papel de cada sujeito na variedade de discursos presentes nas mídias exige a visualização prévia e a avaliação das ações particulares, meio social, construção ideológica e estrutura linguística.



Aprofundar-se no estudo da análise de discursos midiáticos, através do estudo da obra discurso das Mídias de Patrick Charaudeau é despertar para a compreensão dos diversos produtos midiáticos. Os mecanismos de avaliação que Charaudeau dispõe em seu esquema de análise para que os estudiosos estabeleçam sua própria avaliação dão a possibilidade de compreender as intenções e as estratégias que estão por trás do que é transmitido pelos meios de comunicação; atentando sempre para a questão que envolve a participação do emissor e do receptor e para a importância da fonte de informação.

E complementando o trabalho de Maingueneau (2001) e de Charaudeau (2008), nas análises sobre os discursos embutidos nas produções midiáticas, acrescenta-se Joly (1996), com as análises sobre as representações sociais presentes nas imagens. Por fim, todo o apanhado teórico apreendido na obra de Charaudeau (2008) e de Joly (1996), com o auxílio de alguns outros teóricos como Foucault, Maingueneau e Manhães; compõe os instrumentos necessários para a realização das análises construídas, que são resultado de uma aplicação teórica sobre o objeto de estudo em questão; ou seja, a publicação *Ciência Hoje Das Crianças*, sessão de reportagens *Quando crescer, vou ser...*

5. Referências Bibliográficas

ARRUDA, Ângela. **Teorias das representações sociais e teorias de gênero**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Contexto, 2008.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (org). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.p. 107-122.

COIMBRA, Osvaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. 2. ed. São Paulo: Ativa, 2002.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Contribuições da Análise do Discurso ao Estudo de Jornalismo**. In FRANÇA, Vera [et.al.] (org). Livro do XI Compós 2002: Estudos de comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.p. 263-281.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.p. 244-270.



JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 9. ed. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 152 p.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso, enunciado, texto**. In: _____. Análise de textos de comunicação. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001. p. 51-57.

MANHÃES, Eduardo. Análise do Discurso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p.p. 303-315.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

RAMALHO, Viviane C. V. S. RESENDE, Viviane de M. **Análise de discurso crítica: Noções preliminares**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SABAT, Ruth. Pedagogia Cultural, gênero e sexualidade. **Revista de Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, Florianópolis, 2001, p. 9-21.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. 215 p.

VOLLI, Ugo. **Manual de Semiótica**. São Paulo: Loyola, 2007. p.p. 13-51.



6. Anexos

Revistas disponíveis em <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/revista-aberta>>
 Ed. 244 – Abril de 2013

Quando crescer, vou ser... biogeógrafo!

Um unicórnio está em busca de comida nos arcos quentes do deserto de Sonora, enquanto um camaleão passa pela neve branquinha, mas cheia de coqueiros. E o corral? Você já pode estar apaixonado! Afinal, onde já se viu um galo no deserto a carregar em suas asas? Não, os seus visões, são um habitat ideal, ou seja, um lugar que reúne as condições ideais para sua sobrevivência – ou seja, o mais próximo de você encontra o camaleão no deserto e o unicórnio no neve. Onde e a distribuição das espécies pelas várias regiões do planeta é o grande biogeógrafo. Quer entender melhor como ele faz isso? A CHC explica!

Para compreender por que animais e plantas vivem em um determinado ambiente, é preciso juntar duas ciências: biologia e geografia.

O biogeógrafo analisa por que os organismos se desenvolveram naturalmente em determinado lugar – isto é, em a ilha de floresta – e observa as suas adaptações para sobreviver ali, explica Rodrigo Belfragio, professor do Departamento de Ciências da Universidade Federal de Santa Catarina.

A biogeografia é, portanto, a ciência que estuda a distribuição dos seres vivos pelo planeta e no presente. Além de explicar o porquê de o unicórnio viver em um ambiente gelado e o camaleão sob o sol escaldante, entre outros exemplos, esses estudos ajudam a conhecer melhor a história da paisagem, a entender como determinadas espécies foram vivas em certos lugares.

Além disso, ao analisar a evolução dos organismos ao longo do tempo, o biogeógrafo tenta descobrir por que algumas espécies continuam a existir e outras desapareceram. Esses estudos são importantes porque permitem formular estratégias para conservar espécies e plantas ameaçadas de extinção, além de colaborar as espécies endêmicas, isto é, que só existem em determinado lugar.

Para poder coletar tudo isso em prática, um bom biogeógrafo precisa estar sempre atento e observar a natureza. “É importante ter bom conhecimento geográfico, saber interpretar mapas e dedicar ao no estudo dos seres vivos, no campo e no espaço, incluindo, também, as relações desses organismos com o meio onde vivem”, completa.

Valéria Gallo, do Laboratório de Sistemática e Biogeografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não esqueça, você já deve imaginar que um futuro biogeógrafo precisa ser apaixonado pelo estudo de geografia e biologia. Mas outras disciplinas também são importantes para o profissional da área. “Compreendendo melhor física e química são muito importantes para se tornar um biogeógrafo. Na faculdade, o aluno pode primeiro se formar em um curso de biologia e, em seguida, fazer um curso de pós-graduação em geografia ou geografia, realizando pesquisas que envolvam a área de biogeografia. Ou, já de início, o aluno cursar primeiro a Faculdade de geografia ou geografia e, depois, especializar-se em biologia também é uma opção. Essa forma parece legal para você? Não sabe que muitos pesquisadores também já se interessaram por essa área e que existem muitas relações importantes. Um exemplo famoso é o de Alfred Russel Wallace, que você conhece nesta edição da CHC. Ao viajar pela Indonésia, ele descobriu que as espécies de animais e plantas eram diferentes de uma ilha para outra, e começou a formular hipóteses para explicar por que isso acontecia.

Quer seguir os passos de Wallace e começar a pensar sobre a relação entre os seres vivos e o ambiente em que vivem? Você não precisa esperar até se formar na faculdade para começar! Em seu primeiro passeio pela natureza, pegue lápis e caderno e anote suas observações. Assim que você também pode fazer grandes descobertas...

Fernando Barros, Instituto Ciência Hoje RJ.

Ed. 243 – Março de 2013

Quando crescer, vou ser... engenheiro de minas!

Você gosta de desvendar? É de tomar um banho quente relaxante? Ou sempre gosta de ir de férias depois das férias? Conta de pouco tempo para fazer o trabalho? Usa o computador para jogar e estudar? Não se assuste porque não estamos falando aqui nem de futebol, mas de um trabalho muito interessante. Você quer saber mais sobre esse trabalho? Então, prepare-se, pois aqui vamos falar sobre o trabalho de um engenheiro de minas.

Por que? Ora, o óleo, a gasolina, a pasta de dente, a borracha, o plástico e também o computador precisam de certos tipos de minérios para serem fabricados. E sabemos quem seleciona e extrai esses minérios para alimentá-los?

O engenheiro de minas é a profissionalidade responsável pela extração e comercialização dos recursos minerais – que é quando se separa o mineral desejado que não será utilizado para outros usos, desde sua localização e extração até a produção do produto pronto para ser utilizado como matéria-prima para a indústria”, explica o professor Henrique Santa Dória Pinto, coordenador do curso de Engenharia de Minas da Universidade Federal de Goiás.

Os minérios são também indispensáveis na agricultura, para enriquecimento e correção do solo, e na construção. Por serem tão fundamentais no modo de viver hoje e principalmente, por não se renovarem – isto é, ao serem consumidos, os recursos minerais precisam ser extraídos e utilizados de maneira consciente.

E, por essas e outras, o trabalho de engenheiro de minas, de extração e melhor forma de extrair os recursos minerais para produção de aço, cimento e outros materiais essenciais. “O curso tem como a melhor forma de estudar e compreender o trabalho de um engenheiro de minas é a associação dos recursos minerais com os recursos naturais e que é tão quanto a sua manutenção”, completa o professor Henrique.

Se este profissional não fosse anterior, como nasce? “O engenheiro de minas é formado na terra e no ambiente, mas também deve estar em dia com os conhecimentos tecnológicos para a mineração e extração dos minérios e utilização de tecnologias inovadoras”, diz André César Zingaro, professor do Departamento de Engenharia de Minas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Se um interesse especial pelas ciências exatas – matemática, química e física – e também pelas ciências humanas, como geografia, física e história de todo o curso de engenharia de minas, que tem duração de cinco anos. Claro que ao longo desse tempo, deverá se desenvolver também o conteúdo de laboratório e mais sobre a geografia, além de outras disciplinas de caráter teórico e prático.

Depois de formado, o engenheiro de minas pode trabalhar em empresas de exploração de recursos minerais, se dedicar ainda a projetos de pesquisa de áreas degradadas ou se tornar professor e ajudar a formar novos profissionais da área.

E, aí, será você(a) engenheiro(a) de minas quando crescer?

Fernando Barros, Instituto Ciência Hoje RJ.

Ed. 242 – Fevereiro de 2013

Quando crescer, vou ser... radialista!

Bem-vinda para você que está entusiasmado com o rádio. “É para você que segue em direção ao sonho de trabalhar em rádio, e também hoje está...” Esta edição vai de novidade para sua amada Cadêláque. “Ficou desse tipo característica as transmissões de rádio, o mundo de comunicação mais próximo das pessoas quando não há uma transmissão e muito menos, internet. Embora não seja mais o favorito de alguns, o rádio permanece como companheiro de muitas gestões. É claro, “rádio”, o radialista, é a história das transmissões.

“Você já deve ter ouvido algum comentário: “Nossa, falando bem voz de locutor!” para fazer sobre uma pessoa com voz muito bonita. Sim, no trabalho de rádio precisam usar uma boa voz. Essa exigência quer significa que todo radialista trabalha como locutor. O radialista pode ter várias funções. Por exemplo: ser um locutor, somatista ou operador de áudio, redator (jornalista), programador musical, produtor e diretor de programação, entre outros”, explica Fernando Barros, radialista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além disso, esse profissional trabalha sempre nos horários de rádio e de televisão”, diz Ella Regina Araújo da Silva, professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

O radialista não é obrigatório para a formação da profissão de radialista, mas há faculdades de radiodifusão em diversas universidades do Brasil com o objetivo de formar profissionais, mas bem preparados para o mercado de trabalho. A pessoa pode ou não fazer essa faculdade. Mas é melhor que faça, pois terá mais chance de adquirir muitos conhecimentos que lhe serão úteis no exercício de seu trabalho”, afirma Fernando Barros.

Para Ella Regina, ser bem conhecedor da língua portuguesa também é muito importante para os profissionais dessa área. “O mais importante para um bom radialista é ter domínio das técnicas de comunicação no sentido de usar uma linguagem simples, objetiva e coerente. Para isso, o bom domínio da língua portuguesa é fundamental”. “O radialista também é responsável de estar sempre bem informado”, diz Ella Regina. “A área de comunicação envolve a responsabilidade social e o interesse público. Por isso, o profissional precisa ter formação geográfica e cultural podem fazer a diferença para esse futuro profissional. É que uma sólida formação intelectual e fundamental na área de comunicação social.”

Se a importância da comunicação também é fundamental. Afinal, por meio do rádio que muitas vezes se mantém o contato de uma comunidade no dia a dia e todos podem ter acesso a esse veículo, mesmo se que não sabem ler”, diz Ella Regina.

Para aqueles que desejam seguir a profissão como locutores é muito importante também cuidar da voz. “Não pode se descuidar da saúde. Se possível, fazer um tratamento fonoaudiológico para aperfeiçoar sua maneira de falar, a dicção, a pronúncia vocal etc.”, explica Fernando Barros.

Ficou interessado pela profissão? Então, prepare-se o seu currículo e vá se familiarizando com as transmissões. Ouvir notícias, notícias esportivas, programação musical. Você pode até decidir por conta própria no futuro, mas vai se tornar mais bem informado desde agora!

Fernando Barros, Instituto Ciência Hoje RJ.



Ed. 241 – Janeiro de 2013

Quando crescer, vou ser... neuropsicólogo!

Uso de um cérebro... Para que ele seja... Quem sabe? Tempos difíceis... Não é a pessoa adiantada ou privilegiada no cérebro... Mas é a pessoa que sabe lidar com as situações... Em uma situação como essa, quem precisa ajudar?... O neuropsicólogo!

Os estudos as funções do cérebro como um neuropsicólogo e como bem psicólogo, também foram as questões do comportamento humano. Usando essas duas áreas da ciência e que o neuropsicólogo ajuda a paciente a lidar com as emoções e melhorar as alterações no seu comportamento.

O neuropsicólogo estuda as relações entre o sistema nervoso central, o funcionamento cognitivo, as suas alterações, a memória, o pensamento, a linguagem e aprendizagem, as funções psíquicas e o comportamento humano. Explica a neuropsicologia do Sistema de Educação e Pesquisa em Neuropsicologia Cognitiva, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ.

Como você deve saber, a ciência é o centro de estudos do funcionamento do corpo humano, até mesmo do nosso comportamento. Por isso, quando o problema estiver ligado ao cérebro, o profissional de saúde precisa saber lidar com o cérebro e com o corpo. É por isso que a pessoa muda o seu modo de agir e por isso que a pessoa precisa lidar com o cérebro e a atenção no regime responsável pelo funcionamento do cérebro. A pessoa pode começar a ter um comportamento diferente de que tinha antes do acidente, tornando-se mais agressiva ou mais passiva, por exemplo.

Além disso, é importante saber que nem todos os pacientes de um neuropsicólogo são vítimas de acidentes. Há quem com problemas no sistema nervoso central como as que apresentem alguma deficiência intelectual – também podem ser ajudadas por esse especialista.

O neuropsicólogo atua, principalmente, na avaliação e no tratamento das consequências de disfunções do sistema nervoso, que podem estar relacionadas ao desenvolvimento anormal do sistema ou ser adquiridas ao longo do curso da vida, através da neuropsicologia Perceptivo-Motora, da Equipe Multidisciplinar de Educação do Movimento do Movimento do Movimento.

No primeiro contato com o neuropsicólogo, o paciente é avaliado para que o profissional possa saber a origem de seus problemas e dificuldades. Durante esse processo são feitos testes para avaliar se a parte cognitiva – aquela responsável por atenção, memória, linguagem etc. – está funcionando bem ou não. O que saber se que e feito com base no resultado da avaliação?

O neuropsicólogo participa do trabalho de reabilitação neuropsicológica. Ele prepara programas envolvendo vários profissionais: médico, psicólogo, fonoaudiólogo, fonoaudiólogo, psicólogo e outros os trabalhos de paciente com o objetivo de lhe proporcionar a melhor qualidade de vida possível”, conta Hugo.

Então, além de grande conhecimento de reabilitação e psicologia, o neuropsicólogo precisa ser capaz no trabalho em equipe, não é mesmo? Para isso, segundo Humberto, é importante estar sempre buscando conhecimento e utilizando-o para a bem do paciente.

Se está pensando em fazer com você, saiba que, para se tornar neuropsicólogo, o primeiro passo é se formar em psicologia e, em seguida, fazer uma especialização em neuropsicologia. Quando isso for feito, você está pronto para começar a trabalhar. Você vai estudar muito sobre o sistema do neuropsicólogo. A área mais legal que você ainda tem que estudar para começar a trabalhar!

Fernanda Tullio,
 Instituto Ciências Hoje RJ.

Ed. 240 – Dezembro de 2012

Quando crescer, vou ser... médico-sanitarista!

Médico você bem sabe o que é. Precisa, porém, descobrir o significado de sanitaria para entender o que faz o profissional de saúde pública. Logo, médico-sanitarista é aquele que cuida da saúde da população. Isso significa que este profissional não trabalha em um consultório atendendo pacientes com hora marcada. Sua função é prevenir e combater os problemas de saúde que ameaçam um grupo de pessoas.

Chowald Cruz foi um dos mais importantes médicos-sanitaristas do Brasil. Atuou no combate a doenças como peste bubônica, febre amarela e varíola. Para tornar as pessoas resistentes aos agentes transmissores destas e de outras enfermidades, utilizava-se de vacinas e pastilhas. Hoje obrigatória a ser vacinado, a imunização é uma forma de prevenção muito eficiente. Mas, em meados da década 20, as pessoas tinham pouca informação sobre o que era vacinar e recusavam a tomar as vacinas obrigatórias. Em 1904, houve até um movimento de rejeição, motivado por uma obrigação que ficou conhecido como Revolta da Vacina.

De lá para cá, muita coisa mudou no medicina sanitária do Brasil. Hoje em dia, por exemplo, ninguém mais se revolta porque precisa tomar vacina, mesmo sabendo que as vacinas são seguras. As pessoas já estão suficientemente informadas da importância da prevenção.

Mas o trabalho do médico-sanitarista não se resume a vacinar. No século 20, com o desenvolvimento das engenharias sanitária, cresceram as ações que buscavam a melhoria da saneamento e a prevenção de doenças infecciosas”, explica Antonio Sérgio Fonseca, médico-sanitarista da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

Em relação à principal diferença entre o trabalho do sanitaria e o dos demais médicos,

Tereza Maízel Lyra, médica-sanitarista, professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisadora do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (Fiocruz Pernambuco), diz que “em vez de trabalhar com um doente, trabalhamos com um conjunto de pessoas, ou de problemas de saúde”. Essa atuação exige que o médico-sanitarista entenda não só do funcionamento do corpo humano, mas também, das condições ambientais, de higiene e saneamento de determinada região.

Para tentar evitar epidemias como a de dengue, por exemplo, o médico-sanitarista precisa conhecer o local em que se alça e os hábitos daquela população. Essas informações são fundamentais para que ele desenvolva estratégias de combate à doença e ao mosquito Aedes aegypti.

Perguntado sobre qual seria a característica mais valiosa para quem quer se tornar médico-sanitarista, Antonio Sérgio responde: “O mais importante está ligado à sua capacidade de observação e capacidade humana”. “Caber trabalhar em equipe e também fundamental, porque, de acordo com Teresinha, há pessoas de diferentes profissões envolvidas na área de saúde pública – como enfermeiros, dentistas e engenheiros –, todas trabalhando para fazer a população sadia e manter hábitos de vida saudáveis.

Para ser médico-sanitarista, você já deve supor que é preciso estudar medicina, certo? Depois de formado, o caminho é fazer um curso de especialização em saúde pública.

Como você ainda tem uma longa estrada a percorrer antes de exercer a sua profissão, guarde mais esta no seu baú de opções!

Fernanda Tullio,
 Instituto Ciências Hoje RJ.

Ed. 239 – Novembro de 2012

Quando crescer, vou ser... oncologista!

Dificilmente você suscitará a respeito do que faz um oncologista. Mas esta opção é justamente para explicar as profissões, não é mesmo? Então, vamos lá! Se não disser que oncólogo é a parte de medicina que estuda uma doença chamada câncer, você logo vai entrar a chorada. Sim, o oncologista é o profissional especializado em tratar as pessoas que têm câncer. Mas não pense que isso é um trabalho triste e relacionado apenas com sofrimento, não é! Trabalhar com uma doença grave, como o câncer, também permite viver muitas conquistas e momentos de superação.

Quem que chegamos fica feliz em saber que desenvolver uma doença tão séria, mas a dentista oncologista José Roberto de Menezes Pontes, do Instituto Nacional do Câncer (INCA), no Rio de Janeiro, lembra algo muito importante: “É um pensamento positivo o de que a doença, clinicamente, não é uma sentença, significa o fim da vida. Em muitos casos, a doença tem cura, especialmente quando é diagnosticada logo no início”. Por isso, é muito importante fazer exames regularmente para checar a saúde.

Mas, cá entre nós, mesmo sabendo das possibilidades de cura, não é fácil para o paciente aceitar a notícia de que tem câncer. Nesse momento, é muito importante que o oncologista saiba como lidar com o estresse do paciente e também de sua família. O médico Daniel Henschler, oncologista do INCA, destaca algumas qualidades importantes na sua especialidade: “Apresentar a cura, encorajar pacientes e familiares com suas palavras é muito importante. O olhar e o paladar do médico têm um poder enorme, isso se aprende com o tempo”. Segundo ele, muitos pacientes se tornam amigos. “É sóa qual for o fim do tratamento, o importante é saber que sua missão de apoio foi cumprida, isso traz uma grande compensação.”

Se você precisa atenção nas profissões de nossos entrevistados, percebeu que conversamos com um dentista oncologista e com um médico oncologista. Mas sabe que muitos outros profissionais da área de saúde podem se especializar em oncologia? Pois esse é o caso de enfermeiros, nutricionistas, psicólogos e também de fisioterapeutas.

O caminho para atuar na área é o mesmo para todos eles: fazer faculdade e, depois, uma pós-graduação em oncologia. O médico não precisa se especializar em oncologia e Daniel explica que o caminho da especialização para eles, depois que saíram da faculdade, é um pouco diferente: “É necessário realizar uma residência em clínica médica por no mínimo, dois anos e, posteriormente, fazer residência em oncologia clínica, que dura três anos.” É curtos que há, ainda, a possibilidade de fazer oncologia cirúrgica. Nesse caso, o médico vai trabalhar realizando operações de retirada de tumores cancerígenos, por exemplo.

Mas em todos os pacientes com câncer precisam manter cirurgias. Então, também, o tratamento com base em medicina, a quimioterapia, e em radioterapia. Pesquisas e desenvolver medicamentos mais eficazes no combate ao câncer, assim como encontrar mais de prevenir a doença, também são tarefas para os oncologistas.

Aqueles que escolhem seguir o caminho da pesquisa trabalham boa parte do tempo dentro de laboratórios. Por isso, para estudar oncologia é importante ser capaz em biologia e química. Este é o seu caso? É você também gosta de ajudar e ajudar os outros. Quem sabe, no futuro, seu nome entrará para a história como sendo o oncologista que descobriu a cura para essa doença!

Fernanda Tullio,
 Instituto Ciências Hoje RJ.



Ed. 238 – Outubro de 2012

Quando crescer, vou ser... engenheiro naval!

No passado, os navegadores desbravaram os oceanos em busca de novas terras. As viagens duravam meses ou até mesmo anos. Era perigoso, eles não sabiam se encontrariam pela frente, mas, mesmo assim, seguiam navegando. Além de muito coragem, do que mais os navegadores precisavam para se aventurarem nos mares? De boas ferramentas, é claro! Naquela época, os profissionais responsáveis pela construção de navios e embarcações não tinham esse nome, mas, hoje, eles são os engenheiros navais.

“O engenheiro naval projeta, aprova planos e coordena a construção de estruturas flutuantes como navios mercantes e de passageiros, embarcações de pesquisa e médio porte, incluindo pequenas e embarcações de esportes aquáticos, plataformas de petróleo e gás”, resume Theodoro Arturim, coordenador do Programa de Engenharia Oceânica do Instituto Alberto Luiz Coimbra, de Pós-graduação de Engenharia (COPPE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De acordo com o novo entrevistado, ao projetar uma embarcação, o engenheiro naval precisa ler em conta uma série de informações, como quantos passageiros o navio, se transportará cargas ou animais, se navegará em águas doces ou salgadas, quantos quilômetros percorrerá, entre muitas outras questões.

Para garantir em bônus detalhada e projetar tudo isso com segurança e eficiência, são necessários, pelo menos, cinco anos de faculdade.

“Mas pouco tempo atrás, apenas a Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo formavam engenheiros navais no Brasil. Hoje, outras universidades já oferecem o curso”, conta Carolina Ferraz, engenheira naval e aluna do mestrado do Departamento de Engenharia Naval e Oceânica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Depois de formado, um engenheiro naval pode, obviamente, projetar embarcações de todos os tipos, além de plataformas de petróleo e portos, por exemplo. Para realizar todos esses projetos, você deve imaginar e preciso saber muita matemática. Além de, claro, dos e saber das calçadas das estruturas que serão construídas. Fica também o superimportante: É mais “Como atualmente os projetos usam programas computacionais, o futuro engenheiro naval deve gostar de programação e computadores”, completa Theodoro.

Contas, conhecimento de fenômenos físicos, domínio de programas de computador relacionados com a sua área... Que outras qualidades esse profissional da construção na água deve ter? “Um engenheiro naval deve, também, ser criativo e curioso, além de gostar de lidar com desafios!”

É com esse que se imagina criando maquetes das embarcações que você vai em projeto? Não, então navegue sem limites para realizar o que você deseja!

Fernanda Turino, Instituto Ciências Hoje/RJ

Ed. 237 – Setembro de 2012

Quando crescer, vou ser... egiptólogo!

A antiga civilização egípcia deixou uma cultura tão rica e cheia de mistérios que, especialmente, algumas pessoas se especializam em estudar profundamente o assunto: são os egiptólogos. E, acredite, entre os egiptólogos há especialistas nos mais diversos temas. Alguns são profundos conhecedores da escrita e da língua egípcia, outros se dedicam mais às escavações. Há os que estudam a influência desta civilização na atualidade e muito mais!

“Se há diversos tipos de egiptólogos, há diversas maneiras de se tornar egiptólogo”, explica Raquel dos Santos Furnari, colaboradora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Segundo ela, aqui, no Brasil, ainda não existe uma faculdade específica para formar egiptólogos, como acontece em diversos países, mas há os cursos de mestrado e doutorado voltados para a área de egiptologia.

“Ainda é fazer história, antropologia ou arqueologia e, em seguida, fazer um mestrado ou doutorado na área de história antiga voltado para a egiptologia”, comenta Jairo Graña, professor do Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueológica Transdisciplinária da Universidade Federal Fluminense (UFF – FUCJ).

Depois de formado, os egiptólogos costumam se dedicar a grandes pesquisas no segmento de sua especialidade. Em muitos desses casos, os pesquisadores trabalham em campo, isto é, lá no Egito, seja fazendo escavações ou coletando outras informações para seus trabalhos.

“O interesse maior de quem pesquisa o Egito é compreender melhor esta cultura que teve origem há mais de oito mil anos, mas que se modificou e surpreendentemente moderna, fosse nas suas construções, na conservação de corpos, no resgate às múmias etc. etc. etc.”

Cada múmia, tumba ou inscrição descoberta pelos egiptólogos pode significar mais uma peça na montagem desse quebra-cabeças da cultura egípcia, que parece não ter fim! Essa descoberta também ocupa o trabalho desses profissionais que, em geral, trabalham sob um sol escaldante, uma vez que o clima lá é seco e de temperaturas altíssimas.

Mas, verdade seja dita, há egiptólogos que trabalham sem sair de seus países, fazendo pesquisas a distância ou através livros sobre a civilização egípcia, o que também é bastante interessante. “Para os que estudam a presença do Egito antigo hoje, como é o mes caso, é preciso estudar os filmes, quadrinhos, livros didáticos, literatura, religiosidade, tudo que tem ligação com essa cultura”, conta Raquel.

Qualquer pessoa que pretenda ser egiptólogo precisa gostar de estudar história, obviamente, e também, para compreender onde e como a sociedade egípcia conseguiu se desenvolver às margens do rio Nilo. Além disso, também, é importante a biologia: “Aí para entender a religião, mitos e práticas do cotidiano, conhecer a fauna e flora é importante. Por exemplo: a divindade que protege o recém-nascido tem o formato de hipopótamo e extremamente agressivo e pode atacar facilmente barcos pesqueiros que se aproximam de suas crias”, acrescenta Raquel.

Se nos objetivos trabalhar com qualquer informação sobre o Egito, aí está uma opção de profissão para se pensar com carinho quando você crescer!

Fernanda Turino, Instituto Ciências Hoje/RJ

Ed. 236 – Agosto de 2012

Quando crescer, vou ser... especialista em patrimônio histórico e cultural!

O que um prédio, uma praça, um monumento ou uma dança típica podem ter em comum? A pergunta não é tão fácil, mas, se você precisa sempre se lembrar de destacar o que é importante, vai matar a curiosidade. Será? Qualquer um desses itens pode ter uma importância histórica ou cultural tão grande a ponto de ser considerado um patrimônio. Mas, espere aí: você sabe o que é patrimônio?

De uma maneira bem resumidinha, podemos dizer que patrimônio é aquilo que pertence a alguém. Por exemplo: as mesas, cadeiras e livros em que você estuda na escola são patrimônio da sua escola. Se os seus pais compram uma casa, ela se torna patrimônio da sua família. Assim, algumas construções e manifestações culturais – como as que citamos no começo do texto – podem ter um valor histórico ou cultural tão forte a ponto de serem consideradas patrimônio de um povo, de uma cidade ou de um país. Lá na Itália, arquitetos especializados em conservação de monumentos históricos, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Rio de Janeiro, explicam melhor isso...

Entende-se hoje que o patrimônio cultural é aquilo que faz uma pessoa se sentir parte de um lugar, de uma história. É o que nos ajuda a lembrar das coisas que fazem parte da nossa vida em comunidade, coisas que temos em comum com um grupo de pessoas”, diz ela.

Está ficando mais fácil entender, mas aquilo que ainda há uma grande dúvida na sua cabeça: quem resolve que determinado prédio, determinada praça, determinado monumento ou determinada dança é importante a ponto de ser considerado patrimônio? Essa é onde se especializam em patrimônio histórico e cultural.

No Brasil, os profissionais que trabalham atualmente neste campo são arquitetos, historiadores, antropólogos, sociólogos, advogados, museólogos, engenheiros civis, artistas plásticos e arqueólogos, entre outros.

O patrimônio cultural é um campo de trabalho em crescimento e que precisa de diferentes tipos de profissionais”, conta Fernando Saverio, historiador do IPHAN no Rio Grande do Norte.

Assi historiadores cabe, por exemplo, avaliar e documentar a importância histórica de determinada construção para dizer se é o caso de considerá-lo patrimônio. Os arquitetos e engenheiros, por sua vez, decidem o que precisa ser feito para conservar aquele patrimônio histórico. Os antropólogos apontam quais costumes de um povo podem ser incluídos na categoria de patrimônio cultural. Já os advogados cuidam das leis de proteção do patrimônio histórico e cultural.

Os seus profissionais formados nas mais diferentes áreas podem optar por fazer um curso de pós-graduação em patrimônio histórico e cultural e se tornarem especialistas na área.

“Diversos cursos de pós-graduação são oferecidos, podendo ser multidisciplinares – abrangendo temas diversos – ou disciplinares, na área de história e ciências sociais, por exemplo, com ênfase no patrimônio cultural”, destaca Lia.

Outra possibilidade, então, concluir que esse é uma especialização para profissionais diversos que têm em comum o interesse de conservar a memória de uma localidade ou de um povo. Se você desde agora considera importante visitar o passado e manter vivas as nossas tradições, esse pode ser um caminho a seguir, heheh?

Fernanda Turino, Instituto Ciências Hoje/RJ

